



EXISTÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS CAMPONESAS NO ASSENTAMENTO PAULO CÉSAR VINHA – CONCEIÇÃO DA BARRA - ES

Júlio de Souza Santos

Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (Ifes),
campus Vitória, Espírito Santo, Brasil

julio.santos@ifes.edu.br

RESUMO – O presente artigo objetiva compreender a existência camponesa, indissociável da experiência e consolidada no espaço existencial. Para tanto, essa exposição está fundamentada na concepção da indissociabilidade entre experiência e existência, na perspectiva fenomenológica existencialista, e no conceito de geograficidade, de Eric Dardel. Beneficiou-se da pesquisa de campo, que envolveu a observação participante e a realização de entrevistas semiestruturadas com oito educadores do Assentamento Paulo César Vinha, situado no município de Conceição da Barra - ES. A partir das perspectivas teórico-metodológicas adotadas, evidenciou-se que os participantes da pesquisa se constituem existencialmente em camponeses de forma indissociada das suas experiências vividas, significadas e compartilhadas na comunidade do Assentamento Paulo César Vinha. Além disso, constatou-se que as existências e experiências camponesas do contexto estudado são constituídas em oposição às existências e experiências não camponesas do campo e da cidade.

Palavras-chave: Assentamentos rurais; campo; cidade; movimentos sociais.

PEASANT EXISTENCES AND EXPERIENCES IN THE PAULO CÉSAR VINHA SETTLEMENT – CONCEIÇÃO DA BARRA - ES

ABSTRACT – This article aims to understand peasant existence, inseparable from experience and consolidated in the existential space of the community. To this end, this exposition is based on the conception of the inseparability between experience and existence, on the existentialist phenomenological perspective, and on the concept of geographicity, by Eric Dardel. It benefited from field research, which involved participant observation and semi-structured interviews with eight educators from the Paulo César Vinha Settlement, located in the municipality of Conceição da Barra - ES. From the theoretical-methodological perspectives adopted, it was evident that the research participants constitute themselves existentially as peasants in a way that is inseparable from their experiences lived, signified and shared in the community of the Paulo César Vinha Settlement. Furthermore, it was found that peasant existences and experiences in the studied context are constituted in opposition to non-peasant existences and experiences in the countryside and the city.

Keywords: Rural settlements; field; city; social movements.

INTRODUÇÃO

Nesse lugar onde o tempo parou, parece que tudo está se movendo, inclusive eu (Sete anos no Tibet, 1997).

No âmbito da produção científica sobre a condição do camponês na sociedade capitalista, é fundamental destacar a existência de dois grupos de estudos clássicos que apresentam teses conflitantes. O primeiro grupo defende o desaparecimento do camponês, com autores como Karl Kautsky e Vladimir Ulianov Lenin. O segundo grupo defende a permanência e a recriação do camponês a partir de sua resistência, com autores como Rosa Luxemburgo e Alexander Chayanov (Silva, 2019).

Com o intuito de trazer outras contribuições para a problemática da permanência, recriação ou desaparecimento do camponês na sociedade capitalista, o presente artigo objetiva compreender a existência camponesa indissociada da experiência e consolidada no espaço existencial da comunidade camponesa, a partir de uma pesquisa de campo realizada no Assentamento Paulo César Vinha, ligado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) e situado no município de Conceição da Barra, no estado do Espírito Santo (ES).

Para tanto, a presente exposição está fundamentada teoricamente no conceito de geograficidade, compreendido como essência geográfica do ser-e-estar no mundo (Dardel, 2011) e na concepção da indissociabilidade entre experiência e existência, considerando que a existência se consolida na experiência de lugares, ou seja, no espaço existencial que consiste no mundo fenomenológico (Marandola Jr., 2005). Nesse sentido, parte-se da hipótese de que a eventual existência do camponês está condicionada às experiências camponesas vividas, significadas e compartilhadas na comunidade do Assentamento Paulo César Vinha.

Todavia, partindo do pressuposto de que o saber científico fica adstrito aos limites impostos pelos métodos e aos objetos parciais a que referem (Marandola Jr., 2005), essa exposição não tem a pretensão de realizar generalizações sobre a condição camponesa na atual sociedade capitalista.

Na sequência, o artigo está estruturado em três seções. Na primeira seção, dialogo com aportes teóricos que exploram o conceito de geograficidade e a concepção de indissociabilidade entre experiência e existência. Na segunda, apresento o aporte metodológico que se beneficiou dessa exposição. Na terceira seção, abordo as existências e experiências camponesas na comunidade camponesa do Assentamento Paulo César Vinha.

EXPERIÊNCIA E EXISTÊNCIA

Eu precisava saber quem eu era sem esse lugar (Toscana, 2022).

Considerando o intuito de compreender a existência camponesa, indissociável da experiência e consolidada no espaço existencial, a presente exposição se beneficiou da abordagem fenomenológica-existencial, bem como do conceito de geograficidade, na visão do geógrafo francês Eric Dardel.

A Fenomenologia diz respeito a princípios, isto é, a origens do significado e da experiência. Refere-se a fenômenos como ansiedade, comportamento, religião, lugar e topofilia, que não podem ser compreendidos somente por meio da observação e medição, mas precisam ser vividos. Portanto, trata-se de fenômenos da experiência, substância de nosso envolvimento no mundo (Relph, 1979).

A investigação da experiência humana implica também um estudo minucioso de sua “existência”, considerando que essa é anterior e condição sem a qual não há experiência. Nessa tarefa, a Ciência, de acordo com o filósofo Karl Jaspers, é incapaz de alcançar o existente como totalidade, mas apenas como realidade fragmentada, ou seja, através de um método, o trabalho científico consiste no estudo de fragmentos da realidade, contextualizando o objeto na totalidade, porém sem nunca intencionar abarcá-la. Apenas a Filosofia, na visão do filósofo, pode aspirar à totalidade, apesar de não significar que a alcançará (Carvalho, 1999 *apud* Marandola Jr., 2005).

Na abordagem da importância das reflexões do filósofo fenomenologista existencialista Maurice Merleau-Ponty para o estudo geográfico, Marandola Jr. (2005) destaca:

Nossa relação com o mundo é compreendida pelo filósofo como uma existência indissociável mediante a experiência. Contudo, é necessário que, para que exista o mundo, exista o outro. Essa é a diferenciação fundamental entre eu e o mundo, que não é composto apenas por objetos, mas pelos “eus” diferentes de mim. Assim, a subjetividade é ampliada na intersubjetividade. Em vista disso, o outro necessita, para existir, que a existência não seja reduzida à consciência que tenho

de existir, mas que ela envolva também a consciência que dele se possa ter e, portanto, meu envolvimento em uma natureza e pelo menos a possibilidade de uma situação histórica. Assim, nossa existência está presa ao mundo, de tal forma que, para se conhecer enquanto tal, no momento em que se lança nele, é necessário o campo da idealidade para conhecer e conquistar sua facticidade (Marandola Jr., 2005, p. 60).

Além de corroborar a concepção de que experiência e experiência não se separam, Marandola Jr. (2005) salienta que a existência somente se consolida com base na experiência de lugares: o espaço existencial que é o mundo fenomenológico. Nesse sentido, o estudo da experiência humana consiste na busca pela sua existência vinculada à sua referência espacial.

Segundo Relph (1979), os espaços, as paisagens e os lugares consistem em bases fenomenológicas da realidade geográfica, quando são diretamente experienciados como atributos do mundo vivido. Além disso, as relações nessas experiências e entre as três bases são denominadas de geograficidade por Eric Dardel (2011).

Para o fenomenologista Dardel (2011), geograficidade (*geographicité*) consiste numa relação concreta que liga o homem à Terra, ou seja, uma geograficidade do homem que é a sua forma de existência e seu destino. Essa ligação não se trata de uma descrição de um relacionamento agrário ou romântico entre o homem e a natureza, mas apresenta um caráter mais amplo, abrangendo toda a experiência ambiental, rural e urbana (Relph, 1979).

Desse modo, na visão de Dardel, a maneira como o homem vive e convive em seu mundo circundante é o fundamento da experiência geográfica. Nessa relação com o mundo, as múltiplas ações humanas cotidianas experienciadas geograficamente têm significados geográficos. Essas ações também revelam os sentidos destas geografias, uma vez que são experiências geograficamente significadas e contextualizadas (Marandola Jr., 2017).

Ao abordar o conceito de geograficidade na perspectiva dardeliana, Relph (1979) afirma:

Geograficidade é, assim, um termo que encerra todas as respostas e experiências que temos dos ambientes no qual vivemos, antes de analisarmos e atribuírmos conceitos a essas experiências. Todos devem conhecer lugares, responder aos espaços e participar na criação (ou destruição) da paisagem, meramente para ficar vivo; desta maneira a geograficidade é central nas experiências como, por exemplo, em admirar pôr-de-sol ou cenário agradável, em conduzir um carro através das ruas da cidade, ou em escolher uma área na qual comprar uma casa (Relph, 1979, p. 18).

As experiências com os ambientes vividos, ou seja, as geograficidades, podem ser topofílicas ou topofóbicas. As primeiras se referem aos sentimentos direcionados para o lar, para o que é confortável, detalhado, diverso e ambíguo, isto é, estão relacionadas às experiências agradáveis. A topofilia envolve experiências extáticas dos lugares naturais e produzidos pelo homem e os apelos mais persuasivos e persistentes de ambientes atrativos, como litorais. Por outro lado, as topofobias consistem em experiências de espaços, de lugares e de paisagens que são de algum modo desagradáveis ou induzem ansiedade e depressão. Nesse sentido, as experiências da natureza podem ser de pânico e de repulsão (Relph, 1979).

Desse modo, topofobia e topofolia estão associadas tanto com as características das paisagens e dos espaços quanto com as atitudes daqueles que os experienciam. Nesse sentido, a alteração da aparência de um determinado local implica mudança de nossas atitudes, de forma que a experiência pode variar de topofílica a topofóbica e vice-versa (Relph, 1979).

Tendo em vista a variedade de atitudes das pessoas com o seus mundos vividos, é provável que a geograficidade seja fenômeno muito complexo, apresentando muitas formas. Contudo, o fato de que a geograficidade, de caráter pré-científico, é demasiadamente modificada pela habitual e

rápida visão, além de ser obscurecida por conceitos, ideias e explicações, talvez seja mais importante do que o reconhecimento da complexidade (Relph, 1979).

Na abordagem da indissociabilidade entre experiência e existência, as afirmações e indagações de Marandola Jr. (2005) sobre a possibilidade de existência única no tempo, e no espaço, indivisível, a partir da compreensão da cidade de Zoé, da obra “As cidades invisíveis”, do escritor italiano Italo Calvino, também foram fecundas para a presente exposição.

Haja vista que Calvino (1990, p. 34-35) descreve Zoé como uma cidade onde “[...] alternadamente, pode-se dormir, fabricar ferramentas, cozinhar, acumular moedas de ouro, despir-se, reinar, vender, consultar oráculos [...]”, Marandola Jr. (2005) levanta importantes indagações:

[...] Mas, se existe tal existência, como diferenciar os tempos e os espaços? Qual é a linha demarcadora? Onde podemos dizer que estamos, a cada momento, separadamente de cada ser, objeto e ambiente? Mas, se não é assim, como conceber nossas experiências dissociadas de tudo que nos rodeia? Como conceber nossa experiência e existência distanciadas da cidade? Como delimitar a linha demarcatória? (MARANDOLA JR., 2005, p. 50).

No entanto, assim como Marandola Jr. (2005), não consegui me desvencilhar da questão sobre ser ou não possível o lugar da “existência indivisível” e compartilho da dúvida do tênue limite (ou não limite) entre o ser, os objetos, os entes e o ambiente.

A EXPERIÊNCIA METODOLÓGICA

O Assentamento Paulo César Vinha, *locus* do presente estudo, foi criado em 5 de dezembro de 1997, ou seja, cerca de dois anos após a chegada do acampamento do MST à Fazenda Itaúnas, localizada na zona rural do município de Conceição da Barra-ES. As famílias acampadas migraram, sobretudo, de localidades do estado do Espírito Santo, como Pedro Canário e Pinheiros, bem como de localidades dos estados da Bahia e de Minas Gerais. Em 1998, cada família do Assentamento Paulo César Vinha recebeu financiamento para a construção habitacional e plantio de café. Atualmente, 60% das famílias que participaram do acampamento vivem no referido assentamento. Ademais, cada família assentada possui dois alqueires de terra para desenvolver projetos e compromissos na terra conquistada (Espírito Santo, 2014).

Tendo como horizonte a compreensão da existência camponesa, indissociável da experiência camponesa e consolidada no espaço existencial, esse artigo, produzido a partir de uma perspectiva investigativa qualitativa de base fenomenológica, serviu-se das seguintes experiências metodológicas: a) a pesquisa bibliográfica; b) o trabalho de campo ou investigação de campo; c) a descrição e a interpretação dos fenômenos que se manifestaram no estudo.

No âmbito da pesquisa de caráter bibliográfico, foram examinados estudos sobre o campesinato (Silva, 2019); fenomenologia existencialista (Relph, 1979; Marandola Jr., 2005) e geograficidade (Dardel, 2011; Marandola Jr., 2017).

A presente exposição se beneficiou também do trabalho de campo realizado no Assentamento Paulo César Vinha, situado no distrito de Itaúnas, no município de Conceição da Barra - ES. Esse momento metodológico foi compreendido como uma vivência, ou seja, um estabelecimento de uma relação produtora de conhecimento. Essa vivência de campo se concentrou na observação participante, abrangendo tanto a estada e observação no lugar estudado quanto o envolvimento pessoal com sujeitos do próprio contexto (Brandão, 2007).

A investigação de campo envolveu também a realização de entrevistas semiestruturadas com oito docentes que atuaram, no ano de 2014, com estudantes do Ensino Fundamental na modalidade da Educação de Jovens e Adultos, da Escola Córrego do Cedro, instalada no Assentamento Paulo César Vinha. Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido, todavia, optei por utilizar nomes fictícios. Assim, segue a relação dos participantes: Ana, Eva, João, Júlia, Laura, Manoel, Rosa, Rosária. As entrevistas possibilitaram a expressão oral, essencial tanto para a descrição quanto para a interpretação da experiência vivida (Gil, 2017).

Por fim, foi experienciado o momento metodológico da descrição e interpretação dos resultados do estudo, isto é, dos fenômenos, tendo em vista que a presente exposição apresenta uma orientação do método fenomenológico. Assim, “antes de tudo, a intenção é descrever, não explicar, fenômenos da experiência imediata e estes incluem literalmente qualquer coisa experimentada” (Relph, 1979, p. 4).

Desse modo, busquei, tanto quanto foi possível, excluir as minhas crenças e preconceitos nas explanações e considerações existentes, não envolvendo necessariamente a recusa de minhas experiências, e tentei me colocar na posição dos participantes que experienciaram o fenômeno, na perspectiva de reconhecer a complexidade e variedade do que está sendo descrito. Nesse percurso, procurei também interpretar a evidência disponível, providenciando relato ajustado à evidência (Wild, 1963 *apud* Relph, 1979).

EXISTÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS CAMPONESAS NA COMUNIDADE DO ASSENTAMENTO PAULO CÉSAR VINHA

Considerando a concepção da indissociabilidade entre experiência e existência (Marandola Jr., 2005), foram evidenciadas existências indissociadas de experiências e consolidadas no espaço existencial da comunidade do Assentamento Paulo César Vinha. As narrativas a seguir dos camponeses João, Laura e Rosa exemplificam essa constatação.

Camponês João (Assentamento Paulo César Vinha – Conceição da Barra, ES, 2014): “Eu não vou falar assim: aqui é roça. A roça é aquilo que nós cuidamos lá, mas eu poderia te dizer que aqui é uma comunidade camponesa dentro do campo e temos muito orgulho de morar aqui.”

Camponesa Laura (Assentamento Paulo César Vinha – Conceição da Barra, ES, 2014): “Eu amo ser camponês, não suporto morar em cidade, amo morar na paz do campo.”

Camponesa Rosa (Assentamento Paulo César Vinha – Conceição da Barra, ES, 2014):

A gente mora na roça, preserva os valores culturais do campo, da roça, lida na terra, que planta, que colhe, que tem essa questão cultural mesmo, religiosa, esses valores que o campo cultiva, então eu vejo o campo como espaço bem assim, de preservação, mesmo, da cultura camponesa.

Ao captar essas narrativas das experiências vividas pelos participantes do estudo, constata-se que João considera que o espaço onde vive é uma comunidade camponesa no cerne do campo; Laura se autodenomina camponesa; e Rosa relata que o campo se constitui espaço de preservação da cultura camponesa. Assim, esses camponeses experienciam o mundo de forma única e singular. Levando em consideração que o espaço existencial não pode ser confundido com o lugar, uma vez que tem como seu epicentro uma pessoa, no sentido de que, em torno do existente, há um universo de objetos, pessoas e lugares (Marandola Jr., 2005), o Assentamento Paulo César Vinha, compreendido enquanto lugar, diferencia-se da comunidade camponesa, compreendida como espaço existencial.

Nas narrativas de alguns camponeses, manifestaram-se vínculos íntimos e afetivos estabelecidos com a roça e o campo, associados às experiências vividas de paz e sossego na comunidade do Assentamento Paulo César Vinha, conforme é possível observar nas narrativas a seguir.

Camponesa Eva (Assentamento Paulo César Vinha – Conceição da Barra, ES, 2014): “Agora, quando você fala assim viver no campo é viver assim num lugar maravilhoso, um lugar de paz,

de sossego. É um lugar de você deitar, de você viver tranquilo, um lugar onde você conhece todo mundo, você convive com todo mundo”.

Camponesa Ana (Assentamento Paulo César Vinha – Conceição da Barra, ES, 2014):

Desde pequena aqui já me acostumei com o lugar. Quando eu vou pra cidade, eu acho totalmente diferente, igual quando eu morei em Montanha um ano com minha tia, foi muito difícil porque ficar longe dos meus pais, aí eu fiquei lá e nem consegui estudar direito, acabei vindo embora, mas aqui, ah, eu não troco o meu lugar por lugar assim nenhum não.

Camponês Manoel (Assentamento Paulo César Vinha – Conceição da Barra, ES, 2014):

Roça mesmo, desde pequeno tomei esse gosto, tanto que minha esposa volta e meia cobra, “vamos tentar mudar, ir pra cidade”. Eu particularmente sempre me acostumei, eu me adaptei, então eu não me vejo em cidade, até porque eu já me acostumei com esse sossego, você acordar, ver uma vaca berrando, um cavalo relinchando, um pássaro cantando, então isso pra mim é maravilhoso.

Ao ser indagado sobre elementos essenciais para a existência da comunidade camponesa no Assentamento Paulo César Vinha, João (Assentamento Paulo César Vinha – Conceição da Barra, ES, 2014) elenca a terra, as famílias, a escola e as igrejas:

Primeiro é a terra, a terra que eu acho que é o mais, e é por isso que nós estamos aqui. Depois nós temos as próprias pessoas, as famílias, que são os elementos fundamentais pra fazer acontecer essa comunidade. Nós temos a escola, temos também as igrejas que são fundamentais. É importante as pessoas terem uma referência religiosa, uma crença pra fundamentar, mistificar a própria vida.

Nesta narrativa, o camponês João destaca que esses elementos estão presentes no espaço do Assentamento Paulo César Vinha e, de forma latente, as próprias geografias (Dardel, 2011).

Partindo do pressuposto de que a diferenciação entre “eu” e “mundo” está condicionada à existência do outro e de que o mundo não é composto apenas por objetos, mas por “eus” diferentes de mim (Marandola Jr., 2005), compreende-se que a existência do camponês e da comunidade camponesa no contexto investigado é constituída também a partir da existência de sujeitos (o outro) que moram e trabalham em uma fazenda próxima do Assentamento Paulo César Vinha, sujeitas a um latifundiário, conforme narrativa do camponês João (Assentamento Paulo César Vinha – Conceição da Barra, ES, 2014):

Aqui do lado nós temos uma fazenda onde a Fazenda São José, em que uma grande fazenda e existem vários, muitas famílias que moram lá, até uma, todas aquelas famílias moram em um território que é de um único proprietário e todas elas estão sujeitas a este proprietário, tipo a comunidade São José. É uma comunidade que está dentro do campo, só que ela, como a gente, eu não posso chamar de comunidade camponesa, porque elas são todas sujeitas a um latifundiário, a um sujeito que determina o que pode e o que não pode. Numa comunidade camponesa, as pessoas constroem os seus princípios, os seus valores, as suas normativas, o seu jeito coletivamente, o que é diferente de uma comunidade, por exemplo, de uma agrovila do Assentamento Paulo Vinha, que eu considero diferente da comunidade São José, que é uma, acredito eu umas dez a doze famílias que moram lá, mas dentro de uma fazenda, acaba sendo uma Comunidade São José como referência que se

tem aqui, porém as pessoas lá não têm essa liberdade que nós temos aqui. É diferente, uma bem próximo da outra.

Dessa forma, na relação estabelecida como o mundo, os participantes da pesquisa também se constituem camponeses mediante a diferenciação entre as experiências vividas e significadas na comunidade camponesa do Assentamento Paulo César Vinha e as existências e experiências de outros sujeitos do campo, como os da Fazenda São José. Nessa diferenciação, a liberdade é mencionada por João como componente essencial da experiência camponesa.

Além do mais, o Assentamento Paulo César Vinha, compreendido enquanto lugar, não é um espaço único e indivisível, onde é possível, em todos os pontos, alternadamente, realizar diferentes atividades. Esse espaço é vivido e significado de forma diferente pelos camponeses. Isso ficou evidente, por exemplo, quando observei a existência de casas abandonadas na agrovila, durante investigação de campo realizada no dia 17 de agosto de 2014.

Algumas casas foram abandonadas por assentados que construíram as suas residências na roça (lote individual) que fica no entorno da agrovila, no interior do próprio assentamento. Além disso, há outras casas ali onde vivem pessoas não assentadas, denominadas de agregados. A camponesa Laura (Assentamento Paulo César Vinha – Conceição da Barra, ES, 2014) relata a sua percepção sobre esta situação do assentamento:

Aqui no assentamento tem muitos agregados, tem muito mesmo, se você for fazer, porque nós somos em 63 famílias. Dessas 63, maior parte mora aqui dentro da agrovila e outros moram dentro de suas terras, aí fechou suas casinhas na agrovila e foi pra terra. As casas fechadas estão tudo ocupadas pelos agregados.

Ao definir o modelo de agrovila, os camponeses buscavam contemplar as suas experiências e existências, sejam elas campesinas ou cidadinas. Contudo, muitos se arrependeram da escolha desse modelo. A camponesa Rosária relata esta experiência (Assentamento Paulo César Vinha – Conceição da Barra, ES, 2014):

Aqui todos acataram em morar em Agrovila. Depois, com o passar do tempo, alguns foram se arrependendo. Aí, quando veio aquele projeto da moradia, a maioria fez casa nos lotes e, com isso, ficaram muitas casas vazias e hoje nós temos 60 ou 70% de agregados, onde nós não sabemos quem é bom, quem é ruim.

Desse modo, evidenciei a aversão de camponeses ao sistema de agrovila, conforme narrativas de Rosária e Laura.

Camponesa Rosária (Assentamento Paulo César Vinha – Conceição da Barra, ES, 2014): “Eu não concordo com o sistema de agrovila, eu concordo com o sistema de moradia em lote”.

Camponesa Laura (Assentamento Paulo César Vinha – Conceição da Barra, ES, 2014):

A Agrovila não presta, a melhor coisa é você morar na sua terra. Aqui é a mesma coisa que eu tivesse morando na rua, morando no bairro meu onde eu moro, bairro Margarete, em Nova Venécia. Eu estou no bairro Margarete, porque a única coisa que aqui não tem é muros nas casas, mas o que separa uma casa de outra na rua são os muros. Aqui eles fazem cerca, na minha casa eu vou murar agora, mas a cerquinha, mas é a mesma coisa de uma casa com a outra assim, uma no fundo, e outra.

A camponesa Laura (Assentamento Paulo César Vinha – Conceição da Barra, ES, 2014) também compartilhou o desejo de edificar uma casa na roça (lote) para os seus filhos: “Vou fazer uma casa na roça, eu quero só ampliar agora, eu vou fazer outra casa. Mas eu vou fazer uma casa na roça, mas não é pra eu morar não, é pros meus filhos futuramente quando eles casarem”.

A existência de casas abandonadas e ocupadas por agregados na agrovila, bem como de edificações nos lotes individuais do Assentamento Paulo César Vinha, estão associadas às experiências negativas e positivas vividas pelos camponeses nesses espaços, ou seja, às experiências topofóbicas e topofílicas, respectivamente (Relph, 1979). Aliás, a própria constituição existencial dos agregados que ocuparam a agrovila vem garantindo a existência do assentamento. Ao comparar o Assentamento Paulo César Vinha com um rural vizinho, Rosária (Assentamento Paulo César Vinha – Conceição da Barra, ES, 2014) projeta um futuro distópico: “A Agrovila está deserta, abandonou a agrovila, está todo mundo nos lotes. Aqui vai acontecer a mesma coisa. Não está acontecendo devido aos agregados”.

Além disso, Rosa (Assentamento Paulo César Vinha – Conceição da Barra, ES, 2014), uma das agregadas da agrovila do Assentamento Paulo César Vinha, relatou a sua experiência topofóbica ao viver nessa condição no assentamento:

O fato de ser agregada, isso me incomoda bastante porque ora você tá numa casa, ora você tá em outra. Você não tem um espaço fixo, então isso dificulta. Eu tenho uma casa em Pedro Canário, mas seria fora de mão eu morar lá pra vir trabalhar aqui, mas o fato de eu não ser assentada no local, isso dificulta muito, assim, em termo mesmo de casa.

A camponesa Laura (Assentamento Paulo César Vinha – Conceição da Barra, ES, 2014) compara as experiências vividas por camponeses e agregados na agrovila do Assentamento Paulo César Vinha com as experiências de pessoas em bairros citadinos:

Pra mim, isso aqui, eu tô morando num bairrozinho, numa cidade, que se diz agrovila, que você conhece. Lá na cidade você não conhece muito as pessoas, porque as pessoas ficam o dia inteiro trabalhando e os muros separam e você vê assim, e aqui você conhece o vizinho, só isso.

Evidenciei que nem todos os camponeses consideram todo o espaço do Assentamento Paulo César Vinha como espaço da comunidade camponesa. Para alguns, como João, o espaço do assentamento coincide com o espaço da comunidade. Para outros, como a educadora Laura, somente os espaços do lote (roça) se caracterizam como espaços genuinamente camponeses. Portanto, percebemos no contexto estudado a variedade de atitudes das pessoas com os seus mundos vividos (Relph, 1979), implicando em múltiplos espaços existenciais.

Além disso, constatei que os participantes do estudo se constituem existencialmente em camponeses nas experiências campesinas, em oposição às existências e experiências urbanas, não restritas ao espaço da cidade, mas presentes também na agrovila do Assentamento Paulo César Vinha.

No âmbito do presente estudo, constatei outras experiências topofóbicas vividas pelos camponeses, sobretudo, relacionadas à violência:

Camponesa Eva (Assentamento Paulo César Vinha – Conceição da Barra, ES, 2014): “Apesar de que a gente sempre tem aquele medo de chegar uma pessoa”.

Camponês Manoel (Assentamento Paulo César Vinha – Conceição da Barra, ES, 2014):

A chegada da droga mesmo na roça, antes não tinha isso, você via na televisão, ouvia em rádio fatos em capitais, por exemplo, mais capitais, depois cidades, se expandiu até chegando na roça porque tem tráfico. Pessoal dessa juventude mesmo que começou também a inserir nesse processo aí, de tá usando a droga, deixando a escola, até os pais, e daí o que é que eu percebo nesses jovens: muitos já começam a usar ali na roça, já pensa 'eu vou pra cidade, porque lá eu vou ter como ter mais pessoas pra mim tá assaltando ou adquirindo os recursos financeiros pra tá comprando, que seja o lado ruim, ou matando ou roubando'.

Camponesa Rosária (Assentamento Paulo César Vinha – Conceição da Barra, ES, 2014):

Há quinze dias, nossa escola foi roubada. Foi roubada lá embaixo na cozinha. Qual é o câncer maior da sociedade hoje? As drogas. Hoje, o adolescente, ele tá roubando isso pra comprar uma droga, ele tá roubando. Então, dois dias depois, chega uma na cozinha. Na segunda-feira, na escola, a escola arrombada pelo telhado, onde levaram toda a merenda da cozinha, televisão, a bomba e a câmera.

As existências camponesas no contexto estudado estão relacionadas também ao compartilhamento das experiências vividas pelos camponeses em outros ambientes ao longo de suas trajetórias existenciais:

Camponês João (Assentamento Paulo César Vinha – Conceição da Barra, ES, 2014):

Juntava aqueles grupos de amigos que nós temos até hoje, de algumas comunidades, que nós íamos, a gente ia muito a festa. Esse grupo de amigos, eram todos amigos também que moravam na roça, na comunidade, e as festas que nós íamos eram as festas das comunidades rurais, também comunidades camponesas. A gente não era muito de gostar das festas da cidade, a gente ia muito naqueles forrozinhos de roça, de sanfoneiro.

Camponês Manoel (Assentamento Paulo César Vinha – Conceição da Barra, ES, 2014): “Eu sempre morei no interior e, no interior, a gente tem esse contato com a natureza. Quintal grande que não oferece perigo, os vizinhos todos amigos, então a gente era muito livre mesmo, a gente brincava com liberdade”.

Camponesa Júlia (Assentamento Paulo César Vinha – Conceição da Barra, ES, 2014):

Eu tinha a minha região, aquele espaço ali, eu não imaginava sair dali. Pra mim, a minha vida se resumia naquilo dali. Eu não tinha conhecimento de mundo, de um outro lugar. Cidade era uma coisa; o município, Conceição da Barra, pra mim era uma coisa muito distante do lugar onde eu morava, pra mim era um outro lugar. Eu não tinha essa noção, eu não conseguia fazer essa relação de que eu estava dentro do município, que eu morava apenas dentro da zona rural. Pra mim era um lugar que eu não queria ir. Eu queria ficar lá na roça, naquele mundinho. Só que aquele mundo que eu tava, que eu vivia, que eu vivi por 14 anos, ele, 14 não, perdão, foi até dez anos. Foi até dez anos aí aquele mundo. Aí chegou um momento que eu tive que sair.

Camponesa Rosária (Assentamento Paulo César Vinha – Conceição da Barra, ES, 2014):

Morei um tempo numa fazenda onde o meu pai foi. Era gerente. Na época, o dono da fazenda chamava Humberto Cerpa, prefeito de Conceição da Barra. Nessa época, a gente passava por algumas dificuldades, muito difícil. A gente precisava construir uma casa porque a filharada foi crescendo. Já era já seis filhos e já vinha já o sétimo, o meu pai precisava de uma casa pra ficar. Ele morava lá embaixo, no local chamado Viana, terra dele, e ele precisava de uma casa mais digna, e a casa era de tábuas e não cabia mais os filhos. Até então ele tinha o pai dele lá com ele, aí quando veio o falecimento do pai dele, aí ele decidiu aceitar esse convite desse amigo dele que deu força a ele para a construção de uma casa e fazer uma escada que ligasse via Itaúnas, porque não existia escada. Naquela época ele deu essa oportunidade, por ser prefeito. Não tinha escada, tinham caminhos que eles iam de cavalos para Itaúnas. Não tinha escada, aí ele falou “Rives, o que eu vou fazer para te ajudar é dispondo meios de passagem onde possa vir carros até aqui”, aí ele fez uma casa. Assim que ele fez uma casa, mudamos para essa casa, onde até hoje a gente mora.

Logo, evidenciam-se também as atitudes desses camponeses com os mundos vividos, preteritamente. Nesse sentido, as existências camponesas também estão associadas com as suas experiências compartilhadas na comunidade camponesa do Assentamento Paulo César Vinha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das perspectivas teórico-metodológicas adotadas, a presente exposição revelou a existência de camponeses que vivem, significam e compartilham experiências, isto é, geografidades, em múltiplos espaços existenciais da comunidade do Assentamento Paulo César Vinha.

Constatou-se também que as existências e experiências camponesas do Assentamento Paulo César Vinha são constituídas em oposição às existências e experiências não camponesas do campo e da cidade. Assim, captou-se a essência da vida camponesa no contexto estudado, isto é, a sua geografidade.

Além disso, evidenciou-se que, para boa parte dos camponeses, a experiência de habitar na agrovila se mostrou predominantemente topofóbica, enquanto a de habitar no entorno (roça) se manifestou predominantemente topofílica. Nesse sentido, apesar de a agrovila se caracterizar como um dos espaços existenciais, as experiências e existências camponesas do contexto estudado se consolidam, sobretudo, no espaço existencial do entorno do assentamento (roça).

Portanto, o presente artigo aponta para a possibilidade de abordagem da tríade existência-experiência-espaço existencial no processo de produção do conhecimento geográfico sobre a problemática da permanência, recriação ou desaparecimento do camponês na sociedade capitalista. Nessa perspectiva, a investigação da existência camponesa perpassa pelo estudo das experiências geográficas camponesas e do espaço existencial camponês.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. *Sociedade e Cultura*, v. 10, p. 11-28, 2007. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/1719/2127>>. Acesso em: 4 jul. 2024.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 150p.

CARVALHO, José Maurício de. Jaspers: ciência e filosofia. *Crítica*, Londrina, v. 4, n. 14, p. 5-36, jan.-mar., 1999.

DARDEL, Eric. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARANDOLA JR., Eduardo. Da existência e da experiência: origens de um pensar e de um fazer. *Caderno de Geografia*, Belo Horizonte, v. 15, n. 24, p. 49-67, 1. sem. 2005. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3332/333260064003.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2024.

_____. Natureza e Sociedade: em busca de uma geografia romântica. *Revista Terceiro Incluído*, v. 7, n. 1, p. 7-18, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/teri/article/view/46430/2474>>. Acesso em: 20 set. 2024.

RELPH, Edward Charles. As bases fenomenológicas da Geografia. *Rev. Geografia*, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979. Disponível em: <<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/14763/11395>>. Acesso em: 15 set. 2024.

SETE anos no Tibet. Direção: Jean Jacques Annaud. Culver City: Tristar, 1997. 1 DVD (136 min.).

SILVA, Juliano Ricciardi Floriano. O debate clássico do campesinato e sua resistência no modo de produção capitalista. *Terr@Plural*, Ponta Grossa, v. 13, n. 1, p. 224-239, jan.-abr. 2019. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/12375/pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2024.

TOSCANA. Direção: Mehdi Avaz. Los Gatos: Netflix, 2022. HD (93 min.).

WILD, John. *Existence and the World of Freedom*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1963.